

O PAPEL DE RODOLFO ILARI NA HISTÓRIA DA SEMÂNTICA NO BRASIL E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO LINGUÍSTICO¹

Kelly Cristini Granzotto Werner ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo saber qual é o papel de Rodolfo Ilari nos estudos semânticos no Brasil e sua relação com a produção de conhecimento linguístico na área, a partir da História das Ideias Linguísticas e da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002). Para isso, fazemos uma análise semântico-enunciativa de prefácios de três obras sobre semântica, sendo duas de autoria de Rodolfo Ilari e a outra de Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso (2013). Recortamos o *corpus* em sete sequências enunciativas, em que observamos formas linguísticas que determinam Ilari e suas obras no cenário da Linguística brasileira.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Rodolfo Ilari; Semântica.

Introdução

Sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL) e da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2018), buscamos saber qual é a participação de Rodolfo Ilari³ nos estudos semânticos no Brasil e sua relação com a produção de conhecimento linguístico na área. Nesse sentido, mobilizamos a noção teórica de

¹ Agradeço à Taís da Silva Martins (UFSM) pela leitura atenta deste artigo e pelas considerações em torno do tema.

² Doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Rosa Sturza. E-mail: kcgbr@yahoo.com.br

³ Rodolfo Ilari é italiano e veio ao Brasil com 15 anos. Foi aluno e depois colega de Carlos Franchi na Unicamp. Fez graduação em Letras Neolatinas Português e Francês pela Universidade de São Paulo, cujo título obteve em 1967. Passou a integrar o corpo docente da Universidade no final de 1970, ao lado de Carlos Franchi, Haqira Osakabe e Carlos Vogt. Fez mestrado na universidade francesa de Besançon e o concluiu em 1971. No retorno, passou a atuar na graduação e na pós-graduação (mestrado). Juntos fundaram o IEL, Instituto de Estudos da Linguagem, e também o Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Mais tarde, foram contratados os professores Aryon Rodrigues, Ataliba Castilho e Marcelo Dascal. Com a chegada deles, os primeiros docentes puderam se afastar para realizar doutorado. Rodolfo Ilari se doutorou em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas em 1975. Além de professor, também ocupou a direção do IEL, no período de 1991 a 1995. Aposentou-se como professor titular da Unicamp em 2007.

horizontes de retrospectiva e projeção, delimitada por Aurox (2014), e conceitos de designação, determinação e domínio semântico de determinação, propostos por Guimarães (2002, 2007, 2018), que serão desenvolvidos no curso do texto.

A carreira e a obra de Ilari são muito relevantes para os estudos linguísticos no Brasil. É um professor, um linguista que se volta para o ensino, que tem a preocupação em produzir conhecimento sobre a Semântica de modo comprometido com o ensino, buscando estabelecer o elo teoria-prática. Sua obra contribuiu para a história dos estudos linguísticos no Brasil, para a história dos estudos linguísticos em língua portuguesa e também para os estudos sobre a significação no país. Na história dos estudos semânticos, Ilari é um linguista que tem pioneirismo no Brasil.

Seu trabalho é extenso, atuando como professor, tradutor e linguista. A obra que teve maior divulgação e repercussão no Brasil foi *Semântica*, que escreveu em coautoria com João Wanderley Geraldi, em 1985, e é um texto largamente utilizado nos Cursos de Letras e citado nas ementas de disciplinas de Linguística.

Rodolfo Ilari foi figura atuante não apenas na docência, na pesquisa, na orientação de alunos, na formação de professores e linguistas, na tradução, na autoria de livros, mas também na administração do departamento e do instituto aos quais estava vinculado.

Ilari foi professor de Semântica e se interessou muito por essa área, mas há várias semânticas⁴, e a uma delas ele se filiou, a Semântica Formal. E é desse lugar que queremos ver a sua contribuição no Brasil, no âmbito da história da linguística como também da produção de conhecimento. Ele não se dedicou apenas a esse ramo, também produziu no campo da Linguística Românica, da Gramática do Português, não perdendo de vista a relação entre teoria e prática, escrevendo livros que são pilares nessas áreas. (FERRAREZI JUNIOR; BASSO, 2013)

Neste trabalho, analisamos os prefácios de duas das obras⁵ sobre semântica de autoria de Rodolfo Ilari, escritos por João Wanderley Geraldi e Ingedore Grunfeld Vilhaça Koch, e um prefácio escrito por ele mesmo, em um livro organizado por dois de seus alunos, Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso, *Semântica, semânticas* (2013).

A escolha deste *corpus* de análise se justifica por dois motivos: as duas primeiras são publicações de extrema relevância para a semântica brasileira; a última se justifica

⁴ À frente, desenvolvemos mais a questão.

⁵ As obras referidas são *Introdução à semântica: brincando com a gramática* (2001) e *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras* (2002).

porque o autor foi escolhido para apresentar uma obra, que traz uma gama ampla das principais teorias semânticas, que estariam sendo desenvolvidas nesse contexto. Fizemos um recorte do *corpus* em sete sequências enunciativas para análise.

Um olhar sobre a semântica no Brasil

Essa retomada, tão necessária para a resposta da questão inicial, alinha-se com o proposto por Auroux (2014), quando fala em horizontes de retrospecto e projeção.

O horizonte de retrospecto corresponde ao passado, à memória, isto é, ao saber já construído anteriormente enquanto que o de projeção se refere ao olhar para o futuro, a produção de um conhecimento visando ao novo horizonte. Isso permite pensar que todo saber tem memória, deriva de outros. Por isso, ao construir um saber novo, é necessário localizá-lo em uma memória e, desse ponto, projetá-lo em um futuro. Essa é condição para a existência do saber, pois “Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber”. (AUROUX, 2014, p. 12) Precisa-se valorizar os saberes do passado, para compreender o presente e para quem sabe, promover um futuro.

Embora seja uma área de relevância recente na Linguística, a semântica possui longa tradição de estudos dentro da filosofia e da lógica. Ela é uma disciplina da Linguística, que tem por objeto de estudo o significado. De acordo com Guimarães (2008), Bréal teria sido o fundador da semântica, assim como o que cunhou o termo, que aparece na obra *Ensaio de semântica* (1897). Neste texto, Bréal, na posição de um filólogo, discute alguns aspectos semânticos, e, sobretudo, põe a semântica sob a perspectiva da ciência. Inclusive no título da obra, há uma especificação da designação⁶ *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Essa obra foi escrita numa conjuntura histórica de séc. XIX, marcada pelo naturalismo, pelo evolucionismo darwinista, dos quais Bréal se afasta, mostrando que a Linguística não é ciência natural, é histórica. Para ele, a linguagem não pode ser pensada como um organismo. Reflete sobre a relação entre sentido e história. Essa obra marcou o que se conhece como semântica lexical histórica.

No séc. XX, surgem outras perspectivas de estudos semânticos, a semântica lexical sincrônica (a partir da linguística saussuriana), a semântica formal (gerativa) e

⁶ Sobre designação, ver Guimarães (2002, 2018).

interpretativa com estudos de Chomsky, alguns de seus alunos e outros estudiosos, a semântica cognitiva e a semântica pragmática-enunciativa.

No Brasil, segundo estudos de Guimarães (2004), a primeira obra de semântica, publicada é *Noções de Semântica*, de Pacheco da Silva Junior, em 1903. Também são significativas outras obras como: *Meios de expressão e alterações semânticas*, de Said Ali, em 1927; de Silveira Bueno duas obras *Tratado de semântica geral aplicada à língua portuguesa do Brasil* (1947) e *Tratado de semântica* (1960). Todas elas são anteriores à institucionalização da Linguística enquanto disciplina nos Cursos de Letras no país.

Ilari (2013) afirma que o início dos estudos semânticos se dá na década de 60, no Brasil, com a descoberta da semântica estrutural (semiótica). Porém, é, na década de 70, que se consolidam ao lado de outras disciplinas linguísticas (GUIMARÃES, 2004). E como se caracterizavam esses estudos? Guimarães (2002, p. 71) afirma que “Constituir uma história dos estudos da significação no Brasil é, de um certo modo, refazer a história dos estudos linguísticos no Brasil.” Além disso, também diz que “A História dos estudos da significação é, na história brasileira, por exemplo, inseparável de uma história da gramática.” Esse autor vai estudar a história da semântica atrelada, portanto, à história da Linguística e da gramática.

Os estudos da significação acompanham a característica histórica dos estudos semânticos, isto é, não se apresentam sob uma única perspectiva. Ilari e Geraldi (1985) se manifestam sobre isso no sentido de que não há consenso entre os semanticistas sobre os limites da semântica, ou seja,

a semântica é um domínio de investigação de limites movediços; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras: em oposição à imagem integrada que a palavra ciência evoca, a semântica aparece, em suma, não como um corpo de doutrina, mas como o terreno em que se debatem problemas cujas conexões não são sempre óbvias. (ILARI; GERALDI, 1985, p. 6).

Pires de Oliveira (1999, p. 297) afirma que a década de 70 conheceu quatro tendências teóricas da semântica: a semiótica, a argumentativa, a formal e a funcional. Essa pluralidade se reflete nos trabalhos realizados e publicados, e se mantém durante as décadas de 80 e 90, ainda que apresentem subdivisões dentro das orientações semânticas citadas. Recuperamos no quadro 1, o proposto pela autora que demonstra esse cenário:

	1968	1974	1977
Filologia	Fundação da Linguística		
Lexicografia		Semiótica	
			Semântica Argumentativa
			Semântica Formal
			Funcionalismo

Quadro 1 – Os primeiros vinte anos de Semânticas no Brasil

A vertente semiótica da semântica é a primeira a se constituir e, segundo Pires de Oliveira (1999), é inaugurada com a publicação do artigo de Cidmar Pais em 1974⁷, na semântica analítica, e também nos trabalhos de Greimas, na semântica estrutural.

A semântica argumentativa surge de uma crítica à semântica formal e tem como marco inicial a publicação da tese de Carlos Vogt em 1977⁸. Ela se desenvolve depois com o contato entre Vogt e Oswald Ducrot, na Unicamp.

A semântica formal, sobre a qual desenvolveremos mais na seção seguinte deste artigo, por sua vez, nasce na corrente linguística gerativa/formal, em torno de trabalhos de Chomsky e de outros autores. Aqui, no Brasil, é considerado um exemplo desse estudo a tese de Mary Kato, defendida em 1972 e publicada em 1974⁹. Rodolfo Ilari se filia a essa teoria.

Por fim, a abordagem funcional, que, na visão de Pires de Oliveira (2009, p. 297), não seria ainda “claramente um modelo semântico, mas uma maneira de descrever o significado, difusamente presente na linguística”.

A obra *Semântica, semânticas*, organizada por Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso (2013), com prefácio de Rodolfo Ilari, nos dá um panorama das teorias e abordagens semânticas que se desenvolvem hoje, no Brasil. O livro, estruturado em nove capítulos, traz nove possibilidades de estudos semânticos diferentes. Os capítulos são escritos por pesquisadores representantes das várias vertentes da semântica. Apresentam-se as seguintes abordagens: semântica argumentativa, semântica cognitiva, semântica computacional, semântica cultural, semântica da enunciação, semântica de protótipos, semântica e psicolinguística experimental, semântica formal e semântica lexical. Não se sabe qual o critério utilizado para a classificação nem o motivo da escolha dos

⁷ PAIS, C.T. Inter-relações forma-substância nos universos semiótico-linguísticos. *Revista Brasileira de Linguística*, 1974, n.1, p. 5-15.

⁸ VOGT, C. *O Intervalo Semântico* - Contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa. São Paulo: Ática, 1977.

⁹ KATO, M. A semântica gerativa e o artigo definido. São Paulo: Ática, 1974.

pesquisadores porque não há informações nesse sentido na introdução da obra. O objetivo do livro está muito claro e é muito importante:

O leitor não encontrará aqui uma história das várias Semânticas. Antes, nossa opção foi a de reunir textos de diferentes pesquisadores brasileiros (e “diferente”, aqui, não se presta apenas a identificar os autores como indivíduos biológicos distintos, mas como pesquisadores que fazem coisas realmente muito diferentes na pesquisa linguística) que trabalham nas mais diversas formas de buscar explicações para a questão do significado linguístico. Fizemos isso com o objetivo de mostrar, a quem estiver interessado e de uma forma bastante acessível, o que são, o que fazem e como o fazem cada uma das teorias aqui representadas. O intuito é, primordialmente, mostrar que, quando falamos em “Semântica”, podemos estar falando de coisas muito distintas entre si. Mas, além disso, é levar o leitor a notar o quanto de trabalho ainda há por ser feito, apresentando, mais do que a informação da diversidade, um leque de opções para quem tem curiosidade sobre a questão da significação ou, ainda, para quem queira trabalhar com o estudo do significado nas/das línguas naturais em qualquer uma dessas linhas. As áreas aqui cobertas não são todas as possíveis e isso por conta de simples razões factuais: no Brasil (e, talvez, em nenhum lugar) não se praticam, sistemática e permanentemente, todas as formas de Semântica existentes. Além disso, algumas estão ainda em sua “infância”, o que dificulta encaixá-las no quadro mais tradicional que compõe um handbook como este. (FERRAREZI; BASSO, 2013, p. 14-15).

É possível observar que as modalidades de semânticas não correspondem a uma teoria semântica. Algumas são abordagens. Para Damázio (2016, p. 69):

Na nossa análise, das nove teorias ou vertentes de teorias apresentadas em *Semântica, semânticas* apenas quatro são consideradas teorias propriamente. A semântica formal, a semântica cognitiva, as semânticas da enunciação e a semântica cultural são representantes do quadro atual de teorias desenvolvidas no país.

E como está hoje o cenário dos estudos semânticos no Brasil? Damázio (2016), em sua dissertação de mestrado, propôs-se a fazer, entre outras questões, um quadro atual, tomando como referência as quatro teorias levantadas por Pires de Oliveira (1999), as mesmas que inferiu de Ferrarezi e Basso (2013). Para isso, coletou dados do CNPq, principal fomentador de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico do país, a fim de comprovar a existência de grupos de pesquisa na área. Buscou pela palavra-chave “semântica”, na área restrita de “Linguística, Letras e Artes”. A pesquisadora encontrou 19 grupos de pesquisa ligados à semântica, sendo 8 deles filiados à semântica formal, 6 à semântica cognitiva, 4 à semântica da enunciação e 1 à semântica cultural. Damázio

(2016) também traz um quadro demonstrativo das teorias semânticas desenvolvidas no país e seus paradigmas:

COMUNIDADE DE PENSAMENTO CIENTÍFICO		COMUNIDADE DE PENSAMENTO HUMANISTA	
Linguística (Tradição formal)	Linguística Cognitiva	Linguística Enunciativa	
Semântica formal	Semântica cognitiva	Semântica da enunciação	Semântica cultural

Quadro 2 - Quadro geral das teorias semânticas desenvolvidas no país

A nosso ver, esse dado revela certa regularidade nos estudos semânticos desde a década de 70, uma vez que determinadas teorias vêm se mantendo na base dos trabalhos realizados.

Guimarães, em 2010, afirma que as semânticas mais praticadas, no Brasil, são a formal, a semântica da enunciação e a pragmática. Particularmente, temos visto muitos estudos nesses modos de considerar o sentido.

Se fizermos uma relação com o ensino e o instrumento linguístico¹⁰ gramática, e, especificamente, a normativa, por exemplo, o estudo da significação esteve em segundo plano, de modo que era apresentado em apêndice, parte acessória onde tratava das figuras de linguagem e/ou da estilística. Esse cenário muda um pouco quando se começa dar lugar à significação nos estudos realizados sobre a argumentação, que retorna à retórica e à filosofia. Além disso, com o surgimento das gramáticas comunicativas para o ensino de línguas estrangeiras, também se dá mais importância à questão, pois nela está diluída a significação. A semântica e a pragmática estruturam essas obras.

A semântica formal e Rodolfo Ilari

A semântica formal foi a vertente que se manteve desde o princípio dos estudos da significação e é a que Ilari desenvolveu trabalhos. Essa modalidade de semântica guarda uma relação com a filosofia e a lógica e muito deve a elas. Podemos citar dois

¹⁰ Instrumento linguístico é entendido conforme Aurox (2014, p. 65), quando trata da gramatização: “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Nesse sentido, concebe a gramática e o dicionário como autênticos instrumentos linguísticos, ou seja, ferramentas que servem para descrever, sistematizar as línguas, criar diferenças entre elas.

filósofos, matemáticos e lógicos que, a partir de estudos muito importantes, revolucionaram os períodos em que viveram: o alemão Gottlob Frege (1848-1925) e o britânico Bertrand Russell (1878-1970). O primeiro formulou a noção de quantificadores e distinguiu os conceitos de sentido e referência. O segundo fez um estudo analítico do artigo definido do inglês (*the* = o), aplicando as ideias de Frege, e sua importância está na demonstração de como se pode empregar os instrumentos lógicos na análise das línguas naturais.

No entendimento de Basso (2013, p. 135-6), há três ideias a serem consideradas nas reflexões sobre a semântica formal, que são: “(a) a língua é um sistema regrado; (b) a interpretação das mensagens linguísticas é referencial; (c) o sistema linguístico é composicional.” Mas, além dessas, é fundamental considerar as “condições de verdade”. Isso porque esse modelo semântico concebe o sentido a partir da relação da linguagem com o mundo. O fundamento da significação está baseado no conceito de verdade, em seu sentido lógico. A verdade não estaria na linguagem, mas nos fatos do mundo. Assim, a linguagem é vista como um meio de alcançar a veracidade ou a falsidade. Conforme Basso (2013, p. 136), “saber interpretar, em seu nível mais básico, é saber atribuir condições de verdade.”

O semanticista que assim pensa assume que a linguagem natural se estrutura de maneira lógica. Em síntese, a

Semântica Formal é uma teoria sobre um certo tipo de conhecimento que nos fornece, através de uma metalinguagem lógico-matemática que atende ao princípio de composicionalidade, uma maneira sistemática de relacionar a língua a uma realidade extralinguística por meio da ideia de condições de verdade, e assim explicar nosso conhecimento semântico. (BASSO, 2013, p. 140).

Esse ponto de vista é questionado por outras vertentes de estudos semânticos, principalmente, pela semântica argumentativa e enunciativa porque adotam outras perspectivas de entendimento da linguagem e do sentido.

Qual é o objeto de estudo da semântica formal? Toma como unidade de análise a sentença e também sua relação com outras sentenças. Podem ser analisadas inclusive unidades significativas menores no interior da sentença. Vai se interessar por denotação, ambiguidade, polissemia, sinonímia, antonímia, negação, contradição, pressuposição, composição de sujeito e predicado, enfim qualquer forma ou item lexical que interfira,

revele as condições de verdade de uma sentença. Em síntese, a semântica formal, também conhecida como referencial, denotacional, porque acredita que a língua é referencial, busca responder algumas questões como: “O que “representam” ou “denotam” as expressões linguísticas? Como se calcula o significado de expressões complexas a partir de significados de suas partes?” (MÜLLER; VIOTTI, 2012, p. 140)

Conhecer a semântica formal é importante porque essa vertente busca analisar tópicos relacionados ao significado das línguas naturais e é utilizada nas análises de outras modalidades de semânticas, como a cognitiva, a argumentativa, e também na pragmática e na sintaxe. Assim, saber sobre semântica formal pode ser bastante útil para os que se interessam pelas questões da significação.

No Brasil, a semântica formal tem em Rodolfo Ilari um dos seus precursores. Desenvolveu estudos, ensinou a estudar por essa proposta, orientou alunos, formou pesquisadores, palestrou e escreveu artigos e livros sobre o tema. Não é difícil observar o papel de Ilari nessa modalidade de semântica e seu lugar de destaque. Há livros considerados “manuais de linguística”¹¹ ou introdutórios que citam o autor nos capítulos destinados à Semântica ou ainda apontam-no como sugestão de leitura, como, por exemplo, *Introdução à linguística* de Mussalim e Bentes (2001), *Introdução à Linguística: princípios de análise*, organizado por José Luiz Fiorin (2002) e *Semântica, semânticas* de Ferrarezi e Basso (2013). Ainda em estudo recente, Damázio (2016), na sua dissertação intitulada *Teorias semânticas e a semântica formal no Brasil*, aplicou um questionário a onze estudiosos da semântica no Brasil, perguntando-lhes, entre outras questões: “Para você quem são os expoentes da abordagem (semântica formal)?” Seus objetivos com essa questão era verificar se há indicações de pesquisadores reconhecidos no país nessa vertente e se existe uma comunidade científica estabelecida. A autora concluiu que “no Brasil os nomes mais citados foram o de Roberta Pires de Oliveira, Ana Müller e o de Rodolfo Ilari” (DAMÁZIO, 2016, p. 82) e que existe uma comunidade científica consolidada. Diante disso, observa-se que o nome de Ilari segue sendo citado por quem estuda semântica.

Também são pesquisadores dessa vertente de estudos da significação Renato Basso, Esmeralda Negrão, Ana Lucia Müller, Evani de Carvalho Viotti, Maria José Feltrão, Roberta Pires de Oliveira, José Borges Neto e outros.

¹¹ Sobre manualização ver Puech (1998).

Semântica e ensino: a importância dos estudos semânticos de Rodolfo Ilari para o ensino

Guimarães (2002, 2018), a partir do lugar teórico-metodológico da Semântica do Acontecimento¹², que compreende os processos semânticos desde a perspectiva materialista, defende que há dois funcionamentos básicos da enunciação: a articulação (contiguidade) e a reescrituração (retomada). Por esses movimentos, as formas linguísticas são determinadas ou predicadas nos textos em que se apresentam.

Para este artigo, interessa-nos, sobretudo, o conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD), cunhado por Guimarães em 2007, porque entendemos que se configura em uma possibilidade de representar e compreender as relações de sentido em torno do que é dito sobre Ilari e sua obra. Ou seja, tomaremos a noção de DSD como procedimento analítico, assim entendido por Guimarães (2007). Esse procedimento representa o sentido das palavras inscritas em um texto, considerando as relações que estabelecem umas com as outras. O semanticista propõe uma escrita específica para representar o DSD, ou seja, alguns sinais, determinados por: “ \vdash ou \dashv ou \top ou \perp (que significam determina, por exemplo, $y \vdash x$ significa x determina y , ou $x \dashv y$ significa igualmente x determina y); $_$ que significa sinonímia; e um traço como _____, dividindo um domínio, significa antonímia.” (GUIMARÃES, 2007, p. 81).

Começamos pela descrição das partes que antecedem o corpo da primeira obra do *corpus*. Em *Introdução à semântica: brincando com a gramática*, de 2001, de Ilari, apresentam-se “Sumário”, o prefácio de autoria de João Wanderley Geraldi, intitulado “Sagacidade, argúcia e lupa”, “Explicação prévia”, escrita por Ilari. Esta obra traz estudos práticos e analíticos, sobre 25 temas de semântica, desenvolvidos sob a perspectiva da semântica formal.

Para a realização das análises, tomamos como ponto de partida a seção “Sagacidade, argúcia e lupa”, que é o prefácio. Ele ocupa duas páginas. Para saber o que é dito sobre o pesquisador e sobre a sua produção, selecionamos alguns recortes e, a partir deles, refletimos sobre o papel de Ilari. Começamos pelo título do prefácio, nosso primeiro recorte.

¹² Sobre isso, ver Guimarães (2002).

RECORTE 1 – “Sagacidade, argúcia e lupa¹³”. (GERALDI, 2001, p. 9).

Entendemos que essas três palavras são usadas por Geraldi (2001) para caracterizar o modo como o autor Ilari apresenta os temas da obra. Há uma relação de determinação semântica, isto é, de atribuição de sentido de uma palavra a outra, cujo referente é o autor, ou sua maneira de escrever e organizar a obra. Podemos apresentar o DSD 1, referente ao recorte 1.

SAGACIDADE RODOLFO ILARI (autor) ARGÚCIA
┆
LÚPA

No DSD 1, lemos que “sagacidade, lupa e argúcia” determinam Rodolfo Ilari, autor do livro. Nos recortes 2 e 3, há comentários sobre o conhecimento produzido por Ilari.

RECORTE 2 - Nesse sentido, este não é um livro que ensina um conjunto de conceitos com os quais falar sobre a linguagem, mas *um livro que ensina a refletir* sobre os recursos linguísticos em seu funcionamento para extrair da reflexão um conhecimento sobre a linguagem. Cada tema é tratado a partir de um objetivo explicitamente exposto, a questão sumariamente caracterizada, *sem qualquer pedantismo acadêmico ou pretensão de especialista*. Mas o que *singulariza* este livro é o conjunto de reflexões que o autor faz e leva a fazer sobre os recursos linguísticos. É, portanto, um livro sobre “*práticas de análises linguísticas*”. (GERALDI, 2001, p. 9).

Deparamo-nos, nesse recorte, com a obra do autor sendo apontada como um objeto de ensino. Por isso, destacamos os fragmentos “um livro que ensina a refletir” e um livro sobre “práticas de análises linguísticas”. Isso é feito, segundo Geraldi (2001), de uma maneira simples e didática, o que está subentendido no trecho final, apresentado no recorte 3.

RECORTE 3 - Assentada a poeira dos anos 1980, reconhecidas as vantagens e desvantagens de um ensino de língua materna deslocado da ênfase na análise de textos clássicos ou na aprendizagem de conceitos com que falar sobre a língua, Rodolfo Ilari retorna com este *livro exemplar*, em que a reflexão sobre a linguagem em seu funcionamento

¹³ Os destaques em itálico nos recortes são nossos.

mostra ao seu leitor os inúmeros caminhos do trabalho possível com os recursos linguísticos disponíveis. (GERALDI, 2001, p. 10).

Chama nossa atenção, nesse recorte, a síntese da avaliação de Geraldi (2001) sobre o livro prefaciado, quando o qualifica de “livro exemplar”. O adjetivo “exemplar” se refere a modelo, à correção, ao que serve de ensinamento, àquilo que o leitor poderia seguir.

Os recortes 2 e 3 convergem para a seguinte constituição do DSD 2 sobre a obra *Introdução à semântica: brincando com a gramática* (2001):

ENSINA A REFLETIR LIVRO PRÁTICAS DE ANÁLISES LINGUÍSTICAS
T
EXEMPLAR

No DSD 2, temos livro sendo determinado pelas três formas nominais apresentadas. As relações de sentido que estabelecem com “livro” são positivas.

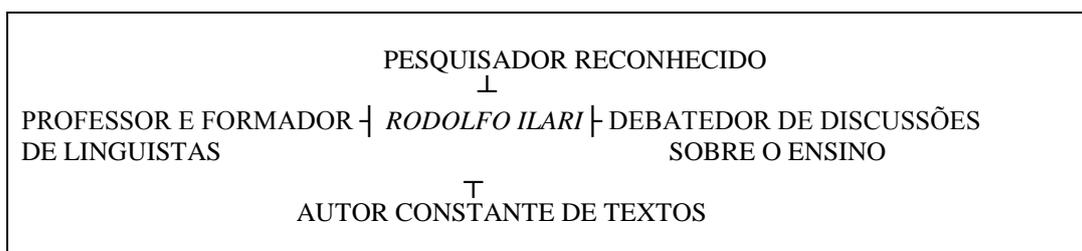
O próximo recorte feito traz a visão de Geraldi (2001) sobre o pesquisador, no cenário linguístico brasileiro.

RECORTE 4 – Muita água correu sob a ponte depois dos anos 1970. Como conteúdos escolares, as práticas de leitura e de produção de textos sobrepuseram-se às análises gramaticais da língua. A discussão ferrenha entre aqueles que defendiam o ensino de gramática tradicional e aqueles que lhe opunham reflexões fundamentadas nas pesquisas linguísticas muitas vezes escondia, sob o manto do ensino ou não-ensino da gramática, a questão mais ampla do preconceito linguístico, da insuportável aceitação de variedades linguísticas que “fugiam da norma”. Para este embate, *Rodolfo Ilari contribuiu não só por seu magistério como professor e formador de linguistas*, mas também como *autor constante de textos que circularam pelo Brasil [...]. Sua presença nas discussões sobre o ensino* importava tanto pelos temas e adequados tratamentos com que fecundava o debate, quanto por sua *assinatura de pesquisador reconhecido* mostrando que o tema do ensino não era uma questão menor ou apenas o espaço de diletantes ou políticos militantes. (GERALDI, 2001, p. 10).

Nesta sequência, chamamos a atenção para as partes destacadas, pois elas mostram a avaliação de Geraldi (2001) sobre a atuação e a importância de Ilari no que envolve a semântica e o ensino. O autor do prefácio reconhece o papel de Ilari não só enquanto pesquisador, mas como professor, formador de outros estudiosos da língua, em

questões que causavam embates. Para assumir posições diante de pensamentos conflituosos, faz-se necessário ter convicção teórica, experiência e autoridade.

Podemos representar a constituição das relações de sentido entre as palavras atribuídas a Rodolfo Ilari enquanto estudioso no DSD 3.



Todas as formas nominais determinam Ilari e constroem a imagem que Geraldini (2001) tem sobre o semanticista, a qual quer que seja disseminada para os leitores da obra prefaciada.

Passamos a segunda obra do *corpus*. Trata-se de *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*, de 2002. Apresenta “Prefácio” e “Sumário” como partes antecedentes ao corpo da obra em si. A perspectiva adotada por Ilari é a mesma de 2001, só que nesta propõe 25 temas semânticos, a partir do léxico e não mais da sintaxe, da gramática. Foi prefaciada por Ingedore Koch, que escreveu um texto de pouco mais de uma página, em que fala sobre a obra e seu autor.

No recorte 5, Koch (2002) ressalta a seriedade e o conhecimento profundo que Ilari demonstra ter na sua área de atuação.

RECORTE 5 - *Profundo conhecedor dos segredos da linguagem, pesquisador dos mais lúcidos e argutos, linguista atuante em todas as áreas desse ramo do conhecimento, visceralmente comprometido com a sua prática e com as questões de ensino da língua, Rodolfo Ilari nos oferece agora este novo produto de suas reflexões: Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras, partindo da mesma convicção que o levou a escrever Introdução à Semântica – brincando com a gramática* (2001). (KOCH, 2002, p. 7)

As expressões que destacamos, no recorte, compostas de adjetivos e intensificadores mostram a escolha da autora no sentido de qualificar o pesquisador. Em

outra passagem, ela sublinha principalmente a causa de Ilari, a relação teórico-prática. Nesse sentido, o DSD 4 pode ser assim representado:



O DSD 4 revela que Rodolfo Ilari é determinado pelas formas linguísticas nominais selecionadas por Koch (2002). Observamos também que “argúcia” usada por Geraldi (2001) na obra anterior é reescriturada por “argutos” nessa obra prefaciada por Koch (2002), mostrando essa opinião comum sobre Ilari. Agora, observemos o recorte 6.

RECORTE 6 - Ilari comprova mais uma vez ser um dos linguistas que mais se destacam [...] pela constante preocupação com que sente em *estabelecer a ponte teoria-prática* e pela *constante preocupação com o ensino de língua e com os professores* que nesse militam, enfrentando, entre as mil outras dificuldades que todos nós tão bem conhecemos, a falta de material didático apropriado e de orientação sobre como utilizá-lo adequadamente em suas aulas. Este *livro é um farol que ilumina o caminho!* (KOCH, 2002, p. 8)

A questão da preocupação com o ensino é reiterada pela autora. Já está presente no recorte 5, quando diz “*visceralmente comprometido* com a sua prática e com as questões de ensino da língua”. Essas duas palavras são usadas para demonstrar a intensidade do interesse de Ilari pelo ensino. No recorte 6, ressaltamos, especialmente, a metáfora utilizada na última frase do prefácio, em que a autora compara o livro a um farol. Nesse caso, entendemos que ocorre a relação de predicação e não de determinação¹⁴ entre *livro* e *farol*. A palavra “farol” lembra imediatamente luz, orientação. No *Dicionário Caldas Aulete Digital* (2007), além dessa acepção, também há um sentido figurado “pessoa ou coisa que serve de guia, de direção”. Tomando qualquer um dos significados, para Koch (2002), a obra de Ilari é um guia, uma orientação, uma direção para professores e estudantes de semântica.

¹⁴ Sobre predicação e determinação ver Guimarães (2007).

Prosseguimos com nosso gesto de interpretação, com a obra *Semântica, semânticas* (FERRAREZI; BASSO, 2013). Traz nessa sequência: “Sumário”, “Prefácio”, de Ilari, “Introdução” e um texto sem título, que mais parece uma nota e foi escrito pelos compiladores.

Para este estudo, tomamos o prefácio de Rodolfo Ilari, que é composto de duas páginas e meia. Ilari adjetiva o livro de “plural”, pois traz várias possibilidades de fazer um estudo semântico (9). Cumpre, em certa medida, com a estrutura convencional desse texto de apresentação. No entanto, o autor rompe com isso para falar de si próprio.

RECORTE 7 – *Pertenço a uma geração que já fazia Semântica no início dos anos 1970, e num certo momento de minha passagem pela universidade fiz uma opção muito clara por uma das linhas de investigação semântica entre as tantas possíveis. Ao ler este livro, tive um choque parecido com o do violinista aposentado. Choque não. Surpresa muito agradável.* (ILARI, 2013, p.11)

Esta sequência foi selecionada porque traz o depoimento do próprio Ilari, dizendo que, no início dos anos 70, já fazia semântica e que, na Universidade, optou por uma delas. No momento de prefaciar a obra, depara-se com tantas semânticas e confessa a sua surpresa ao perceber os desdobramentos da disciplina.

Também nos chamou a atenção, nessa obra, embora não seja um recorte de análise, já que não está no prefácio, um texto sem título, escrito pelos organizadores, em que expõem os motivos do convite a Rodolfo Ilari para prefaciar a obra.

Não foi por acaso ou por falta de ótimas opções que Rodolfo Ilari foi convidado para prefaciar este primeiro *handbook* brasileiro de Semântica. Sua contribuição à constituição de uma Semântica brasileira como professor de Linguística na Universidade Estadual de Campinas de 1969 a 1998, ano em que se aposentou, foi enorme e não pode ser medida apenas por dados curriculares. Por suas mãos, como alunos ou orientandos, passaram muitos dos pesquisadores que hoje labutam e ajudam a construir a Semântica no Brasil. Os dois organizadores deste livro são exemplos disso. [...] Além dessa trajetória de docência, Rodolfo Ilari sempre se notabilizou pela seriedade na pesquisa linguística e escreveu livros pilares sobre Semântica, Linguística Românica e Gramática do Português. Nossa gratidão ao que o professor Ilari – como é normalmente conhecido no meio acadêmico – nos ensinou e ainda ensina é imensa e não pode ser paga com uma homenagem apenas. Convidá-lo para uma primeira leitura desta obra [...] e para a elaboração de seu prefácio foi, portanto, um gesto singelo de reconhecimento à contribuição que esse homem deu e tem dado ao conhecimento linguístico no Brasil, muito especialmente na área da Semântica. (FERRAREZI; BASSO, 2013, p. 17)

Ser convidado para fazer a apresentação de uma obra sobre determinado tema implica uma seleção, uma escolha em detrimento de outras. Obviamente que, no campo científico, respeitam-se critérios de reconhecimento e de autoridade no assunto. A partir da manifestação dos organizadores da obra, é possível perceber que se valem desses critérios e que Ilari atende aos mesmos. Desempenha um papel importante e reconhecido nos estudos semânticos no Brasil.

Considerações finais

A partir do percurso realizado neste trabalho, bem como do referencial teórico e metodológico mobilizado e dos prefácios analisados, podemos finalizar apontando que:

1) os prefácios escritos por Geraldini (2001) e também por Koch (2002) tornam-se espaços em que especialistas assumem lugares do dizer para falar da produção científica de outro especialista e também falar desse especialista, enquanto alguém que produz conhecimento. Sobre o conhecimento produzido (obra), Geraldini afirma que é retrato de seu autor, que é um “livro que ensina...”, um livro sobre “práticas de análises linguísticas” e finaliza qualificando-o de “livro exemplar”; sobre o linguista, Geraldini deixa antever, no título do prefácio, características que Ilari têm e que se refletem na sua obra, no tratamento dos temas: “Sagacidade, argúcia e lupa”. Também afirma que Ilari contribuiu como professor, formador de linguistas e autor de textos sobre semântica; Koch, por sua vez, reforça a relação da teoria com o ensino, ideia defendida por Ilari, e finaliza, nesse sentido, afirmando que o livro é um “farol”;

2) o prefácio redigido por Ilari, da obra de 2013, revela um tempo de caminhada bastante significativo e consolidado do autor nos estudos semânticos, ou seja, desde os idos de 70. Reconhece-se, portanto, um semanticista desde os inícios da Linguística brasileira;

3) a observação das edições das três obras consultadas do autor para este estudo revela a importância de Ilari e de sua produção científica para essa área de conhecimento linguístico. A obra *Semântica*, publicada em 1965, tem 11 edições; *Introdução à semântica: brincando com a gramática* (2001) está na 8ª edição e *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras* (2002) está na 5ª edição;

4) a história de vida acadêmica de Rodolfo Ilari sinaliza certo pioneirismo na área da Semântica e também revela sua constante determinação por aliar os estudos teóricos com os estudos práticos, ou seja, com o ensino. Isso se revelou nos recortes feitos do *corpus* e também em estudos de Damázio (2016);

5) as reflexões feitas neste estudo, nos permitiram verificar o papel importante e, de certo modo, precursor de Rodolfo Ilari, nos estudos semânticos, sobretudo na semântica formal, no Brasil, na sua relação com o ensino, mas, ressaltamos que este é apenas um olhar, sendo que outros são possíveis na incompletude do espaço da interpretação.

Referências

AUROUX, Sylvain. (1992) *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

BASSO, Renato; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Semântica, semânticas: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

BORGES NETO, J. Semântica Formal. *Revista Letras*, Curitiba, n. 52, p.167-182, 1999.

BRÉAL, Michel. (1897) *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Trad. Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas/SP: Editora RG, 2008.

CALDAS AULETE, Francisco Julio. (2007). *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em: maio de 2018.

CANÇADO, Márcia. Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado. *ReVEL*, vol. 11, n. 20, 2013, p.126-137. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/9413728ff9736a3e2c00b7f18bf7db89.pdf>> Acesso em: maio de 2018.

DAMÁZIO, Paula Regina Scoz Domingos. *Teorias semânticas e a semântica formal no Brasil*. 2016. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

GUIMARÃES, Eduardo. *História da semântica: sujeito, sentido e pragmática no Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 2004.

_____. A Linguística é uma ciência histórica? In: BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. 2. ed. Campinas/SP: Editora RG, 2008. p. 9-15.

_____. Os estudos da significação no Brasil. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 42. Jan./Jun., 2002, p. 71-87, Disponível

em:<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637141>> Acesso em: junho de 2018.

_____. (2002) *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 4. ed. Campinas/ SP: Pontes, 2017.

_____. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas/SP: Pontes Editores, RG Editores, 2007. p. 79-96.

_____. *Semântica, enunciação e sentido*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018.

KATO, Mary. *A semântica gerativa e o artigo definido*. São Paulo: Ática, 1974.

PAIS, Cidmar. Inter-relações forma-substância nos universos semiótico-linguísticos. *Revista Brasileira de Linguística*, n.1, p. 5-15, 1974.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil. *DELTA*. vol.15, 1999, p. 291-321. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4020.pdf>> Acesso em: maio de 2018.

_____. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 219-250.

_____. *Semântica Formal: uma breve introdução*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PUECH, Claude. Manuélistation et disciplinarisation des savoirs de la langue. L'enonciation. *Les Carnets du Cediscor*. 1998. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cediscor/267>>. Acesso em: agosto de 2018.

VIOTTI, Evani; MÜLLER, Ana. Semântica Formal. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à Linguística: princípios de análise*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VOGT, Carlos. *O Intervalo Semântico - Contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa*. São Paulo: Ática, 1977.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana. (Orgs.). *Conversas com linguistas*. São Paulo, Parábola, 2003.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. (1985) *Semântica*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 2011.

_____. (2001) *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. (2002) *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RODOLFO ILARI'S ROLE IN SEMANTICS HISTORY IN BRAZIL AND LINGUISTIC KNOWLEDGE PRODUCTION

ABSTRACT

This study aims at knowing Rodolfo Ilari's role in the semantic studies in Brazil and his relation with the linguistic knowledge production in the field, from the History of Linguistic Ideas and of Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2002). For this purpose, a semantic-enunciative analysis of three prefaces about semantics, being two of Rodolfo Ilari's authorship and the other of Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso's authorship (2013), was made. The corpus was divided into seven enunciative sequences, in which linguistic forms that determine Ilari and his works in the Brazilian Linguistics scenario were observed.

Keywords: History of Linguistic Ideas, Rodolfo Ilari, Semantics.

Recebido em: 22/11/2019

Aprovado em: 02/01/2020